

# *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas* – Cidinha da Silva

TANIA MACÉDO  
Universidade de São Paulo

SILVA, Cidinha da. *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

A crônica é um gênero profundamente ligado ao tempo, seja porque no seu nascimento destinava-se a narrar os feitos e fatos relativos das vidas e trajetórias dos poderosos, seja porque o seu exercício nos dias de hoje vincula-se ao instantâneo do jornal, colocando-se como *comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano*. Algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã, como nos lembra Fernando Sabino.

Não se pode deixar à margem, contudo, que a aparente despreensão da crônica encobre uma arguta visão exercitada pelo autor que, escolhendo um fato à partida gratuito, transforma-o em elemento de reflexão trazendo ao leitor, no exercício de focalizar o pormenor, o dia que passa, a totalidade. Assim, é escolha e modo de focalização do fato, gesto ou

A lembrança sobre o gênero vem a propósito do livro de estreia de Cidinha da Silva intitulado *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas* (2006), publicado pelo Instituto Kuanza.

Composto de 31 textos curtos – alguns curtíssimos, quase um “psiu” de crônica - - - (para fazermos aqui uma adaptação da expressão de Guimarães Rosa) - que se agrupam em três partes, o livro apresenta uma linguagem segura, domínio da técnica narrativa e aponta para uma autora que, sem dúvida, dará vôos mais ambiciosos na literatura para a qual se apresenta com credenciais de alta qualidade.

Plenas de humanidade, as crônicas nos apresentam o universo de pessoas anônimas que, elegantes e dignas, enfrentam as adversidades que alcançam a maior parte da população brasileira que não está nas telas edulcoradas de nossa televisão. Assim, os textos flagram instantes/gestos como um gato que passeia sobre a mesa de jantar de um convidado atônito em “Xena e Maria Bonita”, ou o abraço, sob o luar, que selaria a convivência e o amor repartido no cotidiano de longos anos de duas mulheres em uma cidadezinha do interior do nordeste brasileiro no delicado “Domingas e a cunhada”.

Com um jeito de conversa mineira, ou seja, de forma despreziosa mas plena de intenções, as crônicas de Cidinha da Silva desenham personagens e situações do Brasil de hoje, abordando desde as conversas de uma barbearia de bairro, passando pelo restaurante onde se reúnem artistas ou ainda pelo universo GLST até a referência a produções culturais (momento em que o texto assume o caráter de crítica cultural, como por exemplo em “Filhas do vento”, em que o filme de Joel Zito Araújo é caracterizado como “uma quase epifania da estética negra reinventando o lugar da gente no cinema brasileiro” – p. 100), a partir de uma linguagem em que prevalece a elegância.

Dessa forma, o retrato do Brasil real, a que nos referimos, se apresenta:

O interdito não e nomeia, ele está falando de preconceito racial, de racismo arraigado nas relações com os empregados, com os afilhados, com as mocinhas desamparadas às quais os fazendeiros acudiam para criar. Aquelas entregues pela família à madrinha na certeza de que pelos menos não passariam fome, mas só elas sabem todos os outros abusos a que foram submetidas. (p. 116)

São momentos de reflexão que emergem ao longo de todo o livro, apesar de sua linguagem leve e solta, com um certo ar de aparente despreocupação, mas que constroem um severa crítica social.

Dessa forma, o leitor vai acompanhando os textos rápidos, construídos de forma a que o humor e a sensibilidade se apresentem, palmilhando plenamente o território que é próprio da crônica, conforme nos lembra o Mestre Antonio Candido que em texto iluminado nos diz:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir ela se ajusta à sensibilidade de todo o

dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação, sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO et alii. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13)

Na senda das reflexões de Antonio Candido, podemos dizer que os textos de Cidinha da Silva presentes em *Cada tridente em seu lugar e outras crônicas* humanizam-nos na medida em que expõem, com uma linguagem elegante e despreensiva, muitos dos (des)caminhos de nossa sociedade, devolvendo-nos a sensibilidade que a “normalidade” do preconceito seqüestra.

Eis, pois, uma ótima estréia.